



O MOVIMENTO *SLOW FOOD*: UM ESTUDO DA REDE DE PRODUTOS AGRÍCOLAS DE *ORANGE COUNTY*

Franciele Lourenço

Centro Universitário Autônomo do Brasil – Unibrasil
francielelourenco@gmail.com

Luciane Cristina Ribeiro dos Santos

Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC/PR
lu.ribeirocrs@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, o indivíduo vive submerso num estilo de vida muito diferente de seus antepassados, no qual as crianças não sabem a origem dos animais, das comidas e até mesmo como é brincar ou passar as férias no campo. São tradições e fatores que escapam ao controle das pessoas, devido ao ritmo acelerado de vida. Dessa forma, o dinheiro, o tempo e os interesses pessoais se tornam mais importantes, enquanto outras escolhas e alternativas vão ficando para trás.

A dinâmica da vida moderna, nas cidades, passa a moldar e a dar sentido às “coisas”, tanto na evolução das necessidades quanto na dos hábitos, os quais se solidificam na busca pela praticidade, conforto e comodidade.

Por isso, em meio ao *stress* e à correria do dia a dia vivido nas grandes cidades, as pessoas se tornam protagonistas da ascensão das comidas industriais e das cadeias de *fast food* que crescem de maneira desordenada, assim como a sua adesão, o que preocupa, pois além desse tipo de comida não ser saudável, ela colabora para o grande aumento de pessoas com problemas de diabetes, doenças cardiovasculares e obesidade, dentre outros.

Nesse sentido, as pessoas ficam à mercê dos alimentos, sem ao menos saberem sua procedência; diante dessa realidade crescente, na década de 1970, o italiano Carlo Petrini iniciou um lento movimento chamado de *slow food*, caracterizado pelo *site* do grupo *Slow Food de County Orange* (2009), como uma organização internacional sem fins lucrativos, cujo objetivo é difundir a cultura alimentar para desenvolver a educação sensorial e de bom gosto, protegendo a biodiversidade e promovendo a qualidade dos alimentos, do ambiente e da vida social.



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

Portanto, o problema de pesquisa é: quais os tipos de políticas e estratégias de desenvolvimento que são adotados pelo governo e pelos agricultores do movimento *slow food* de *Orange County*, Califórnia, EUA? Assim, o objetivo geral deste estudo foi identificar formas alternativas de conexão dos produtores locais do movimento *slow food* de *Orange County* com os mercados emergentes.

Com vistas a alcançar o objetivo geral, foram estruturados objetivos específicos: 1) Avaliar a utilização de técnicas agrícolas e do processo produtivo e; 2) Averiguar a capacidade de organização desse tipo de movimento. Para tanto, foram aplicados instrumentos metodológicos de ordem qualitativa de caráter exploratório, utilizando como base de avaliação os princípios de atuação apresentados no documento do Comitê de *Orange County*.

É importante lembrar que o *slow food* surgiu a partir do ambiente político e social turbulento da Itália, em meio aos movimentos e protestos do operariado em relação à industrialização e à globalização da produção, porém foi apenas em 1989, que o conceito se internacionalizou e, a partir daí, vários desafios surgiram, tais como: os Organismos Geneticamente Modificados (OGM), usados na agricultura industrial, o que preocupa muito os ambientalistas, visto que ainda não há muitos estudos sobre os seus reais impactos ambientais em longo prazo; ameaça à biodiversidade e às economias agrícolas locais (OLIVEIRA, 2014).

A relevância deste trabalho com relação ao tema do evento justifica-se porque o movimento *Slow Food* destaca-se pela capacidade de organização e de aproveitamento, por parte da comunidade, dos benefícios para a saúde tanto física e psicológica, quanto economicamente.

A conectividade deste trabalho com os objetivos do evento também se deu pela aderência ao tema *slow* com a temática da ecossocioeconomia, uma vez que esta se destaca na programação com uma mesa de conversa. A ecossocioeconomia não foi abordada diretamente, mas indiretamente ela se fez presente a partir do movimento *slow*. A ecossocioeconomia pode ser traduzida por formas distintas de se pensar e agir nas relações socioeconômicas e ambientais. Normalmente, são experiências que surgem pela ausência do Estado, constituindo grupos participativos bem organizados que conseguem dar respostas sistêmicas a problemas por eles próprios apontados, conservando padrões de economia territorial quando essas experiências se destacam nas suas diferentes modalidades, a saber: agenda 21 local ou objetivos do milênio; turismo de base comunitária; economia solidária; movimento *slow*; ecovilas; gestão de unidades de conservação; e responsabilidade social



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

empresarial, dentre outras. Os governos municipais e as agências do Estado aproximam-se, apoiando-as ou transformando-as em políticas públicas com capacidade de replicação (SAMPAIO, 2009).

O artigo está estruturado a partir da introdução; na sequência, serão apresentados o conceito de *slow food*, suas características e interesses; políticas e estratégias de desenvolvimento; técnicas e processo produtivo. O terceiro item do artigo dispõe do caso do *slow food* de Orange County, Califórnia, EUA e, por fim, as considerações finais.

2 SLOW FOODS

O movimento *slow foods* surgiu na Itália, no final dos anos 1980, seu surgimento se deu em resposta aos problemas vividos naquela época, principalmente pelo modo de vida e pelo consumismo. Gentile (2008) complementa que foi um movimento iniciado especificamente em 1989, na cidade de Bra, na região de Piemonte, adotando como símbolo um caracol. O evento fundador foi a mobilização, em resposta à abertura de um *Mac Donalds* na *Piazza Di Spagna*, em Roma.

Figura 1: Símbolo do *Slow Food*



Fonte: Manual do *Slow Food* (2005)

O evento fundador foi a mobilização em resposta à abertura de um *Mac Donalds* na *Piazza Di Spagna*, em Roma, o que deu origem ao termo *slow food*, i.e., comida sem pressa, expressão que passou a circular mais amplamente há não muito tempo (CARVALHO, 2008, p. 1). Toda essa “revolta” diz respeito à vida moderna nas cidades, que não dá muitas opções no que diz respeito à boa alimentação, já que nossos horários e compromissos nos impedem de fazer uma refeição completa, de qualidade e, o mais importante, com tempo de apreciação. Então, o empenho do movimento é o de defesa de uma vida tranquila, se opondo à vida corrida do meio urbano.

Segundo o Manual do *Slow Food*, através dos seus conhecimentos gastronômicos relacionados com a política, a agricultura e o ambiente, o *Slow Food* tornou-se uma voz ativa



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

na agricultura e na ecologia, conjugando prazer e alimentação com consciência e responsabilidade (MANUAL DO SLOW FOOD, 2005).

Todos os acontecimentos da Terceira Revolução Industrial promoveram o crescimento da coordenação política, a crescente utilização dos recursos naturais, a promoção e a ampliação do incremento da produtividade e, mais ainda, a difusão de inovações econômicas. Ficaram de lado nesse processo a preocupação com a produção de alimentos e a agressão ao ecossistema e aos seres vivos. Portanto o que se nota é que homem e natureza estão vivenciando momentos de tensão. Antigamente, pode-se dizer que ambos eram amigos, mas hoje há uma desconexão muito grande, até mesmo nas coisas mais simples, tais como, a residência e até mesmo os produtos – que são frutos de respostas que até então se tornam duvidosas (SANTOS, 1992).

Ademais, o “comer” também ficou distanciado do nosso dia a dia e, o que preocupa é nos alimentarmos rapidamente e, além disso, não nos importarmos em como foram produzidos os alimentos, de onde vieram ou sua qualidade. Saber o que está escolhendo e entender se aquilo está em extinção, se possui agrotóxicos ou se faz bem à saúde, para alguns já não faz tanta diferença. Por isso, o *slow food* é considerado um movimento amplo e com uma proposta diferente de aproximação entre produtores e consumidores, pois a defesa da biodiversidade e da alimentação tornou-se o princípio desse movimento que acredita na defesa de uma boa e responsável alimentação, além das tradições e culturas culinárias. Além disso, ele é interessante porque acompanha o processo de transformação do meio ambiente até o prato do consumidor final (MANUAL DO SLOW FOOD, 2005).

Os três pré-requisitos para um alimento de qualidade são: bom (de sabor e qualidade); justo (preço justo para produtor e consumidor final em relação ao processo produtivo) e limpo (além de ser ecológico, não ser poluente). Tudo isso servirá de resposta ao modo de viver das pessoas, focando no resultado (gosto) e preço (MANUAL DO SLOW FOOD, 2005).

Essas duas premissas estando satisfeitas são tão importantes quanto as questões relacionadas ao valor nutricional, compostos bioativos, culturais e sociais, dentre outros.

O Manual do *Slow Food* ainda diz que “num mundo onde os prazeres do gosto nem sempre se apreendem durante refeições alegres em volta duma mesa animada, devemos fazer um esforço consciente por explorar, questionar e experimentar. Esse é o objetivo das iniciativas de educação do gosto do *Slow Food*” (MANUAL DO SLOW FOOD, 2005).



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

É preciso resgatar o gosto pela alimentação correta, os sabores e a procedência para que não se diminua o papel central que exercem em nossas vidas. Logo, a conscientização e o reconhecimento da vida tumultuada em que vivemos são necessários, e uma das formas é o movimento das *slow cities*.

O *slow cities* surgiu em 1989, um movimento derivado da crítica à abertura de um estabelecimento *fast food* em Roma, na Itália, pelo jornalista Carlo Petrini que buscou mostrar os vários perigos que pairavam sobre os hábitos alimentares da população do velho continente (SLOW MOVIMENT PORTUGAL, 2015). O movimento ficou conhecido como *Slow Food*. Desse movimento, desdobraram-se várias iniciativas *slow*, dentre elas, o *slow travel*, *slow design*, *slow medicine* e *slow cities*.

A ideia do *Cittaslow* nasceu em Oriveto, em 1999, na Itália, e baseou-se na organização internacional *Slow Food*. O significado de *cittaslow*, termo italiano, quer dizer “cidade lenta”, e representa uma tentativa de apresentar uma nova proposta ao crescimento evidenciado em várias partes do mundo, com destaque para as grandes cidades. O movimento pleiteia a ampliação da filosofia do *slow food* às comunidades locais e ao governo das cidades, aplicando os conceitos da sustentabilidade e da ecogastronomia. Nas *slow cities* visa-se “valorizar o território e não apenas ocupá-lo” (MENDONÇA, MACOPPI, 2014, p.7).

O “Devagar”, como princípio de toda uma campanha por qualidade de vida, naturalmente chegou às cidades. De acordo com o Movimento Conviva, o “*slow cities*” quer priorizar, pela sua iniciativa, atitudes que desacelerem o ritmo das cidades, suas principais e velozes características, incluindo o trânsito.

Para que o objetivo do Movimento *Slow Cities* realmente fosse aplicado, o Movimento Conviva passou a aplicar a metodologia de que a cidade não pode ter mais de 50 mil habitantes. Há uma carta de princípios, o manifesto das “cidades lentas”, que as candidatas devem seguir ao pé da letra. Eles estão divididos em categorias como: estrutura, política de meio ambiente, qualidade das vias urbanas e encorajamento ao uso e produção de bens locais.

Assim, a poluição sonora, os engarrafamentos e o próprio *stress* seriam amenizados, já que o tráfego seria reduzido, as cidades seriam mais “lentas” e, principalmente, a poluição sonora diminuiria. Isso significa comer localmente, embora a percepção de o que se torna “comida local” difere por região (devido, em grande parte, aos climas diferentes, tipos de solo e populações), a maioria dos pesquisadores aceita que comer localmente significa minimizar a distância entre a produção e o consumo, especialmente em relação ao sistema alimentar



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

moderno dominante (PETERS et al, 2008). O problema está em recharacterizar as cidades, tendo em vista que já vivemos em um processo que parece não ter mais volta; sendo assim, a implantação não é dependente do tamanho da cidade, logo não seria tão difícil, desde que os princípios fossem atendidos.

2.1 POLÍTICAS E ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO DO *SLOW FOOD*

As políticas e estratégias de desenvolvimento vivem pressionadas pelo consumismo, o qual contribui para que a economia cresça aceleradamente, nos proporcionando um processo produtivo que se reproduz mediante as incessantes e ilimitadas necessidades humanas. Esse processo invoca um modelo de vida que necessita de uma reavaliação, pois o apetite pela ânsia; a pressa pelo consumo e a correria da vida moderna nos transformaram em ‘escravos do excedente econômico’.

O direito de cada homem de buscar a coerência de um projeto existencial no emprego do seu próprio tempo, ou ainda, de ganhar consciência e autonomia implica que as suas singularidades naturais e individuais conseguirão gerar uma criatura original ou irredutível. Nessa perspectiva, os homens são atores sociais - cada um conservando sua singularidade - que assumem funções distintas na sociedade, conforme suas ansiedades e possibilidades. (SAMPAIO, 2011).

Ademais, o *slow food* torna-se importante por propor o emprego do tempo e por ser uma alternativa organizada, que preza tanto o aspecto individual quanto o coletivo, pois as pessoas estão fazendo o bem para si mesmas e promovendo a participação de um conjunto de pessoas.

Rico em sua organização, o movimento propõe modos originais de agrupar pessoas, saberes e fazeres em torno do que talvez pudéssemos chamar de uma ecologia da alimentação [...]. As formas de luta vão dos manifestos às redes de produtores e feiras de gastronomia (GENTILI, 2008). Apesar das evidentes expressões e das iniciativas de Carlo Petrini sobre os aspectos culturais de promoção das tradições e das questões políticas e de democracia.

O movimento fundado por Petrini contestava a base ética daquela que era definida como “vida veloz”, que criticava a confusão entre eficiência e frenesi e exaltava as virtudes de uma vida lenta, baseada nos valores e nos prazeres dos sentidos e da sabedoria (ANDREWS, 2008).

Mas o movimento não ficou limitado apenas à alimentação, ele tomou proporções internacionais, as quais incorporaram novas agendas políticas, novas questões e novas lutas



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

para novos contextos, bem como a realização de eventos e de projetos voltados à redescoberta e valorização de produtos típicos, à biodiversidade (sementes e espécies nativas), à sociodiversidade (saberes e práticas agrícolas tradicionais) e de processos produtivos atentos ao equilíbrio ecológico (GENTILLE, 2008).

Em complemento, Siniscalchi (2013) diz que o *slow food* é um ambiente sob a bandeira da "ecogastronomia", que se expande a partir de consumidores para os produtores. Hoje é um movimento capaz de intervir em toda a cadeia alimentar. Suas novas frentes de batalha incluem a luta contra a produção intensiva agroindustrial, contra padronização do gosto e comida, contra os transgênicos, contra a energia nuclear e energia não renovável e contra a privatização da água.

Por isso o *slow food* é um interessante movimento, pois aceita os mais variados tipos de membros e tem como preocupação o aspecto social, ou seja, todos fazem a sua parte em prol de um objetivo comum. O que os tornam coprodutores e não simples consumidores, isso faz com que o processo de produção seja feito por meio de uma parceria entre produtores e consumidores.

Portanto, é uma associação democrática aberta a todos, em que qualquer pessoa pode se associar, e o mais interessante, é a diversidade dos seus associados, o que contribui para torná-lo mais forte. Para se cadastrar, basta preencher um formulário de adesão e contatar o chamado líder do *Convivium* local ou inscrever-se através do site internacional (www.slowfood.com) - a inscrição é anual e renovável. Os envolvidos podem delegar um *convivium* ou abrir um novo *convivium*, organizando eventos ou participando de atividades voltadas ao *slow food*.

O "*convivium*" refere-se a uma palavra latina que significa "um festim, entretenimento, um banquete", e o *slow food* usa esse nome muito adequado para designar as suas células locais (MANUAL DO SLOW FOOD, 2005). Os *convivia* são representantes locais da filosofia do *Slow Food*. Além disso, existem cerca de 1.000 *convivia* espalhados pelo mundo formando uma rede de movimento.

A função dos *convivia* também é a de construir relações com os produtores, prezar pela proteção dos produtos tradicionais e locais e pela qualidade de vida. O que também surpreende é a capacidade de organização, de ajuda e de proteção que os produtos locais em dificuldades encontram em mercados alternativos.

A grande disseminação das informações acerca desse movimento e o grande grupo de relacionamentos por meio de mercados alternativos crescem a cada dia, assim como a



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

própria conscientização do governo, mercado e população em geral, o que colabora para a proteção de todos em relação a seus objetivos. Logo, a promoção e as políticas de desenvolvimento do *slow food* estão pautadas na participação da população e nas iniciativas de educação alimentar, ação social e apoio aos pequenos agricultores.

2.1.1 Técnicas agrícolas e do processo produtivo

A participação no *slow food* tem colaborado com as técnicas dos processos agrícolas, pois estão trazendo melhores resultados, no que diz respeito à participação e à capacitação dos envolvidos.

O slow food entrou em estreita sinergia com lutas altermundistas pelo comércio justo, bem como com as lutas socioambientais por modos de produção, produtos, produtores e consumidores ecológicos. Além disto, o *slow* promete uma interessante fusão da dimensão prazerosa e sofisticada da ecogastronomia com os ideais de solidariedade e de convívio preconizado pelos defensores de uma vida simples ou “simplicidade voluntária”, como caminho para uma existência ecologicamente orientada. (CARVALHO, 2008, p. 2).

Para que isso fosse possível, o movimento do *slow food* criou um programa chamado Terra Madre ou Mãe Terra, o qual teve o objetivo de criar 1.000 hortas em todo o continente, reunindo, dessa forma, uma rede internacional de 2.000 comunidades de alimentos, entre eles os produtores de alimentos e representantes de comunidades locais, cozinheiros, acadêmicos e jovens de 160 países, com vistas a estabelecer uma produção de alimentos bons, limpos, justos e que respeitem o nosso planeta.

Essas mil hortas são modelos concretos de agricultura sustentável, que interessa às escolas, à comunidade e/ou às famílias. As hortas, além de servirem de alimento, colaboram para que a população entre em contato com a natureza, participe da sua manutenção e adquira conhecimentos.

De acordo com a entrevista cedida por Cláudia Matos, *Chef* de Culinária Natural, membro do *Slow Food* e proprietária do Espaço *Zym*, várias e fáceis são as alternativas que podemos inserir em nosso dia a dia, o que colabora para uma vida de maior qualidade:

- I. Construir uma horta em casa;
- II. Conhecer melhor o alimento que vai para sua mesa;
- III. Comprar alimentos de produtores locais;
- IV. Proteger os alimentos nacionais para que não entrem em extinção;
- V. Procurar ambientes tranquilos para realizar suas refeições e;



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

VI. Cultivar relacionamentos e companhias agradáveis.

Portanto, percebe-se que “coisas” simples podem fazer a diferença e trazer um novo modo de viver, o que colabora para uma vida menos agitada e estressante, o que pode garantir que a escassez ou até mesmo a extinção seja repensada e até mesmo sanada.

3 O CASO DE ORANGE COUNTY

Orange County está localizado a 40 km de Manhattan, ou seja, ao sul da Califórnia, nos Estados Unidos da América – EUA, conforme mapa à seguir:

Figura 2 : Condado de *Orange County*, Califórnia, EUA



Fonte: <http://mapsof.net/map/california-orange-county-map>

É um local que enfatiza o bem-estar e a qualidade de vida, principalmente pelos serviços disponibilizados à população. Segundo o site do Condado de Orange¹, a chamada *Orange County* foi criada em 1693, como um dos Condados originais da Província de Nova Iorque. O nome do município foi derivado do rei Willian III, da Inglaterra, que era um príncipe da Casa de *Orange*. Portanto, é um dos 58 condados do estado americano da Califórnia, sendo fundado em 11 de março de 1889, ao se separar do vizinho Condado de Los Angeles e recebeu seu nome do cultivo da laranja e outros frutos cítricos que eram cultivados na região.

¹ CONDADE OF ORANGE COUNTY - <http://ochealthinfo.com/>



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

Orange County possui uma população estimada, de acordo com os dados de 2013 e 2010, respectivamente, da *Census Bureau*, de 3.114.363 pessoas e um área de 790,57 milhas quadradas, enquanto Califórnia possui 38.332.521 e 155.779.22 milhas quadradas².

Sendo assim, é um local que possui habitação com preços acessíveis; excelentes sistemas escolares, de transporte rodoviário, ferroviário e aéreo; baixos índices de criminalidade e uma vasta gama de atividades recreativas e de negócios (MANUAL DO *SLOW FOOD*, 2015).

Por isso, o caso de *Orange County* demonstra claramente a necessidade de se pensar na sustentabilidade dos recursos e no nosso bem-estar - qualidade de vida aliada à longevidade. É preciso, de forma diferente, governar nossas vidas e recursos, de tal forma, que tenhamos novas alternativas de tornar nossa alimentação justa, boa e limpa.

Logo, a governança poderia colaborar para que os movimentos voltados para esse tipo de alternativa (*slow food*) sejam ainda melhores aproveitados e disseminados, de tal forma que não se restrinjam a apenas um movimento ou grupo, mas sim ao fortalecimento de uma política mais ampla.

Para isso, foi necessário entender a importância de se ampliar os movimentos sociais e a mudança de postura em relação à “independência” das áreas, o que na verdade não é real, a começar pelo julgamento que era feito sobre ecologia e economia, que até então eram consideradas áreas incompatíveis. A criação de alguns conselhos voltados ao diálogo e a promoção da cidadania, igualdade, democracia, conservação, etc foram de tal importância, já que colaboraram para que parte da sociedade assimilasse a importância em se politizar os riscos e de garantir a sustentabilidade. (JACOBI, 2000, p. 233).

O sistema alimentar mundial é controlado pela agricultura industrializada e pela globalização. Isso levou à distribuição desigual de alimentos, à falta de cultura e de um sistema alimentar ecologicamente insustentável.

O desenvolvimento sustentável apresenta-se como uma questão imperativa para criar condições de sobrevivência para a espécie humana. Embora o objetivo seja focado na preservação do ser humano, em condições satisfatórias de vida, a interconexão dos sistemas vivos exige uma regulação do sistema humano, na sua relação com o meio ambiente. As evidências deixam claro que, para viabilizar a permanência da espécie humana no planeta, garantindo qualidade de vida, é inviável manter a exploração acelerada e continuada dos recursos naturais e seu consequente esgotamento. (PAULISTA *et al*, 2008, p. 1).

Logo, o desenvolvimento sustentável se torna a premissa básica desse movimento, fortalecendo a ideia de sobrevivência dos recursos e da própria raça humana. Assim, em 2010,

² CENSUS BUREAU - <http://www.census.gov/popest/about/terms.html>



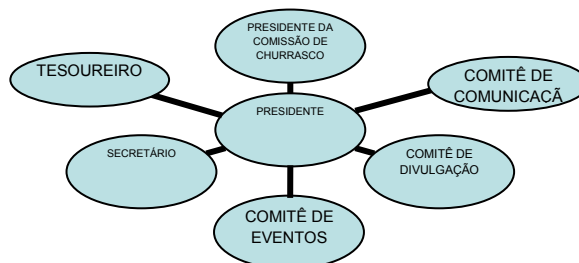
VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

o *Slow Food* de *Orange County* (SFOC) foi criado como uma missão local do *Slow Food* EUA, que teve como premissa gerar uma mudança duradoura no sistema alimentar, buscando reconectar pessoas, tradições e o ecossistema como um todo. Seu objetivo era o de criar uma mudança duradoura no sistema alimentar local para assegurar a equidade, sustentabilidade e prazer na comida. Parcerias, publicações e eventos sociais são organizados constantemente, para que se possa aumentar a consciência pública a respeito dos problemas desarmônicos da vida cotidiana. Conforme o Comitê de *Orange County*, os Princípios de Atuação são:

- ✓ Trabalhar em conjunto com o *Slow Food* EUA, aceitar e respeitar o Estatuto Nacional do *Slow Food* USA e os Protocolos financeiros;
- ✓ Estar consciente das dívidas organizacionais e de seus históricos;
- ✓ Alterar e melhorar as técnicas e práticas de liderança;
- ✓ Honrar e valorizar os produtos advindos da terra e os animais e;
- ✓ Fazer eventos abertos, acessíveis e sem custos para os participantes.

Segundo o SFOC, essa é uma associação aberta a todos e sua adesão é oficial. Uma vez que um indivíduo tenha efetuado o pagamento da sua quota anual ao *Slow Food* EUA, sua adesão não será encerrada. Portanto, necessita-se de um Comitê Gestor formado por voluntários não remunerados. Para garantir a continuidade e o funcionamento eficaz deste é necessária a participação em ao menos $\frac{2}{3}$ das reuniões durante um ano, para que seja feita a decisão quanto à utilização dos fundos a serem gastos e o cumprimento das metas e responsabilidades. Quanto à Política de interesse, a confiança do público é fundamental, por isso cada membro do comitê deve divulgar seu interesse pessoal. O Comitê é dividido em 07 (sete) áreas, conforme organograma a seguir, sendo 06 (seis) subordinadas à presidência.

Figura 3: Comitê diretivo da *Slow Food* - *Orange County*, Califórnia, EUA



Fonte: adaptado de Manual do *Slow Food* (2005).



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

As funções pertinentes aos cargos são: Presidente, que organiza as reuniões, a política e direção definida; Tesoureiro, mantém a organização dos livros; Secretário, responsável pelas atas das reuniões; Comitê de eventos, cria eventos para angariar fundos para as instituições de caridade e de atividades associativas do *Slow Food*; Comitê de divulgação, entrelaça a política e os aspectos sociais, informando ao público a respeito do movimento e das atividades entre os agricultores e chefs; Comitê de comunicação, garante que a adesão seja ampla (notícias, anúncios de *e-mail* e boletins mensais regulares) e o Presidente da Comissão de Churrasco, que planeja e implementa o maior evento anual de angariação de fundos provenientes do churrasco.

O movimento conta com vários programas, um deles é o Programa *Microgrant Food*, que distribui pequenos prêmios em dinheiro para os grupos locais da comunidade, organizações e empresas, cujos programas e produtos visam promover os valores fundamentais da *Slow Food*.

Sendo assim, se percebe que o *Slow Food* de Orange County é um movimento arquitetado e executado de maneira voluntária por uma organização sem fins lucrativos, cuja sobrevivência depende de um orçamento proveniente de recursos, eventos locais e de um valor limitado de microfinanciamentos (valores podem variar entre UUS\$ 200 a UUS\$ 1000). Mas, que apesar disso, ajuda a fortalecer a cultura alimentar local (MANUAL DO *SLOW FOOD*, 2015).

Segundo o Relatório Econômico de *Orange County* (2013), a cidade é considerada uma parceira ideal para o comércio internacional com as vantagens de proximidade com os portos de *Long Beach* e de Los Angeles, uma rodovia com um bom sistema viário para o transporte de frota e linhas ferroviárias que fornecem ligações comerciais.

Orange County também possui suas preocupações voltadas para a tecnologia verde, o que se considera mais um ponto positivo, diante do movimento *slow food*, o que colabora para o crescimento da economia, já que, segundo o Relatório Econômico (2013), a cidade encontra-se em progresso de recuperação, buscando, assim, atingir os seus níveis de emprego, ascensão de turismo e comércio, bem como a melhoria da produção global, dado que as indústrias e as profissões são consideradas pontos fortes de *Orange County*, o que lhe deu em 2014, se comparado a 2013, um resultado de crescimento do Produto Interno Bruto – PIB de 2,5%. Por isso, o movimento também colabora para a recuperação das atividades econômicas de *Orange County* e para o restabelecimento da qualidade de vida da população.



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

Além disso, a própria relação entre ser humano e natureza começa por uma simples iniciativa a ser controlada, a fim de se pensar no futuro e em seu próprio desenvolvimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento *Slow Food* mostra que a capacidade de organização e de aproveitamento, por parte da comunidade, pode trazer muitos benefícios para a saúde física e psicológica, assim como para econômica da cidade.

Sendo assim, o movimento propõe modos originais de agrupar pessoas, saberes e fazeres em torno do que talvez pode ser chamado de uma ecologia da alimentação, impondo três pré-requisitos para um alimento de qualidade que servirá como parte do resultado proposto, ou seja, a aproximação entre consumidores e produtores, ajudando, assim, a proteger os produtores de uma possível queda bruta no consumo, por conta de seus demandantes aderirem a um novo formato de vida, mas puro e sustentável e, também, ajudando consumidores a obterem produtos de qualidade, selecionados e aprovados por eles mesmos, o que garante a comercialização.

O objetivo geral deste trabalho cumpriu-se, pois foi demonstrado que as formas de ajudar e proteger os produtores locais em dificuldades conectando-os com mercados alternativos ocorrem pela construção de relações, prezando pela proteção dos produtos tradicionais locais e pela a qualidade de vida. O que também surpreende é o relacionamento com os mercados alternativos, favorecido pelo governo e pela própria população que dissemina informações e a conscientização a respeito, dando, assim, uma boa utilização de técnicas agrícolas e do processo produtivo, mantendo-os o mais próximo do usual e garantindo sua sobrevivência.

Por isso, que a capacidade de organização do movimento se dá pelos princípios de atuação, os quais envolvem toda a comunidade, por exemplo: trabalhar em conjunto com o *Slow Food* EUA, aceitar e respeitar os Estatuto Nacional do *Slow Food* USA e os Protocolos financeiros; estar consciente das dívidas organizacionais e de seus históricos; alterar e melhorar as técnicas e práticas de liderança; honrar e valorizar os produtos advindos da terra e os animais e fazer eventos abertos, acessíveis e sem custos para os participantes. Por fim, é um movimento que preserva a coletividade, fazendo com que todos sejam beneficiados.



REFERÊNCIAS

ANDREWS, G. **The slow food story**. Politics and Pleasure. London: Pluto Press, 2008.

BARRETO, Gabriela Muniz. **Slow food**: origem e benefícios. Disponível em: <http://namu.com.br/palestras/slow-food-origem-e-beneficios>. Acesso em: 01 dez. 2014

BEM VINDOS AO NOSSO MUNDO: o manual. Disponível em: <http://www.slowfoodbrasil.com/documentos/manual-do-slowfood-2013.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2014.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. **Slow food e a educação do gosto**: um movimento social sem pressa Revista Prâksis - Educação e Meio Ambiente, Ano 5, Volume I ISSN 1807-1112, 2008.

CONDADO DE ORANGE. Disponível em: <http://www.co.orange.ny.us/content/1156/default.aspx>. Acesso em: 01 dez. 2014.

GENTILE, Chiara. **Os Mercados da Terra Slow Food**: entre modelos antigos e novas demandas: experiências locais de troca e consumo alimentar. 2008. Disponível em: http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT15/GT15_ChGentile.pdf. Acesso em: 25 out. 2014.

JACOBI, Pedro Roberto. Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Revista Educação e pesquisa**, v.31, n.2, p. 233-250, mai/ago 2005.

MANUAL DO SLOW FOOD (2005). Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/novosdireitos/slowfood/manual_slow_food.pdf. Acesso em 10 nov. 2014.

MENDONÇA, Carlota Vieira. MACOPPI, Grazielle Ueno. *Cittaslow*: valorização da identidade na perspectiva do turismo comunitário, solidário e sustentável. Modelo aplicado em Levanto – Itália. In: **Anais do XIII Encontro Nacional de Turismo de Base Local**. Juiz de Fora, MG, 10 a 13 de novembro de 2014.

MOVIMENTO CONVIVA. Slow city: ritmo lento e agradável. Disponível em: <http://movimentoconviva.com.br/slow-city-ritmo-lento-e-agradavel-nas-cidades/>. Acesso em: 29 out. 2014.

OLIVEIRA, Daniel Coelho de. **Comida, carisma e prazer**: um estudo sobre a constituição do Slow Food no Brasil. 2014. 225 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Curso de Pós Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, UFRRJ.

PAULISTA, GERALDA; VARVAKIS, Gregório; MONTIBELLER FILHO, Gilberto. Espaço emocional e indicadores de sustentabilidade. **Revista Ambiente & Sociedade**, Campinas, v. XI, n. 1, p. 185-200, jan.-jun. 2008.



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

PETERS, Christian J.; BILLS, Nelson L.; WILKINS, Jennifer L.; FICK, Gary W. **Foodshed analysis and its relevance to sustainability**, Division of Nutritional Sciences, Cornell University, Ithaca, NY, USA, 2008.

RELATÓRIO ECONÔMICO DE ORANGE COUNT (2013), disponível em: http://economy.scag.ca.gov/economy%20site%20document%20library/2013economicsummit_report_orangecounty.pdf. Acesso em: 01 dez. 2014.

SAMPAIO, Carlos Alberto C. **Gestão que privilegia uma outra economia: ecossocioeconomia das organizações**. SC: Edifurb, 2011.

SANTOS, Milton. 1992: a redescoberta da natureza. **Estudos Avançados**, v.6. p. 95-106, 1992.

SINISCALCHI, Valeria. Environment, regulation and the moral economy of food in the Slow Food movement. **Journal of Political Ecology, École des Hautes Études en Sciences Sociales**, Vol. 20, France, 2013.

SLOW FOOD: até as origens do gosto. Disponível em: http://www.slowfood.com/education/filemanager/resources/Origini_Gusto_por.pdf. Acesso em 15 out. 2014.

SLOW FOOD DE COUNTY ORANGE. Disponível em: <http://www.slowfoodoc.org/index.php>. Acesso em 02 dez. 2014.

SLOW FOOD. Movimento slow food. Disponível em: <http://www.slowfoodbrasil.com/slowfood/o-movimento>>. Acesso em: 10 jul. 2015.